



---

## POR QUE LER ROMAN JAKOBSON NA ATUALIDADE

Bethania Mariani (UFF/CNPq)

**RESUMO:** Um dos objetivos desse trabalho é retomar vários aspectos do pensamento de Roman Jakobson, sobretudo aqueles que reveem e fazem avançar conceitos saussureanos ligados à ideia de língua como sistema de signos. Dentre eles destacamos: sincronia dinâmica, metáfora e metonímia e poesia. Roman Jakobson é um dos pensadores mais relevantes da ciência da linguagem, um autor clássico, ponto incontornável na formação de estudantes que almejam estudar a Linguística. No entanto, com o imediatismo e o pragmatismo que invadem os estudos acadêmicos, atualmente observamos muitos cursos de Letras que simplesmente eliminam a discussão de determinados textos seminais por considerarem que somente leitura de manuais de Linguística é suficiente para alunos de graduação. Assim, outro objetivo do artigo em tela é reavivar as ideias linguísticas de Jakobson.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roman Jakobson, língua, sincronia, metáfora, metonímia

### WHY READING ROMAN JAKOBSON NOWADAYS?

**ABSTRACT:** One of the objectives of this study is to resume several aspects of Roman Jakobson's ideas, mainly those that carry on and advance Saussurean concepts related to the notion of language as a system of signs. Thus, we highlight: dynamic synchrony, metaphor and metonymy, and poetry. Roman Jakobson is one of the most relevant theorists in the science of language, a classical author, a scholar whose work is essential for the education of students who intend to study Linguistics. However, owing to the trends that favor immediate and pragmatic results in academic studies, today we observe many Arts and Letters programs that simply eliminate the discussion of certain seminal texts because they consider that reading Linguistics handbooks is enough for the education of undergraduate students. Therefore, another objective of this article is to revive Jakobson's linguistic ideas.

**KEYWORDS:** Roman Jakobson, language, synchrony, metaphor, metonymy



*Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto.*  
(R. Jakobson)

## Introdução

O título desse trabalho poderia apontar apenas para uma pergunta retórica. Afinal, para muitos linguistas, Roman Jakobson é um dos pensadores mais relevantes da ciência da linguagem, um autor clássico, ponto incontornável na formação de estudantes que almejam estudar a Linguística. No entanto, com o imediatismo e o pragmatismo que invadem os estudos acadêmicos, atualmente observamos muitos cursos de Letras que simplesmente eliminam a discussão de determinados textos seminais por considerarem que somente leitura de manuais de Linguística é suficiente para alunos de graduação.

Seria esse o caso do linguista russo Roman Jakobson, nascido em 1896, em Moscou, um dos fundadores do Círculo Linguístico de Moscou, em 1915, aos 19 anos? Se não temos dados empíricos atualizados que nos permitam afirmar um forte desconhecimento do pensamento de Jakobson em cursos de Letras, pelo menos podemos argumentar, com base na sua obra, sobre a necessidade e a relevância de seu pensamento para a constituição do campo da Linguística bem como sua influência na organização das bases do estruturalismo e em outras áreas do saber, como a Antropologia e a Psicanálise lacaniana. Não ler Jakobson é desconhecer o papel fundamental desempenhado por ele até hoje.

Ler a biografia e as reflexões de Jakobson, portanto, é acompanhar a história da Linguística, desde sua institucionalização como disciplina científica, em Praga, Copenhague e Haia, seguindo, também, suas viradas teóricas na Europa e nos Estados Unidos. Em toda essa trajetória, pode-se observar uma ética presidindo o discurso teórico de Jakobson, uma vez que ele não exclui a linguagem infantil, a significação, a falha, o político e o poético do estudo da língua. Uma ética movida por um amor à língua, materializada na própria máxima com a qual ele se auto-representa: *Linguista sum: linguistici*



*nihil a me alienum puto.*<sup>1</sup> A Linguística jakobsoniana não reduz a linguagem, “não exclui nem a significação em favor da sintaxe, nem a diacronia em favor da sincronia, nem a linguagem corrente em favor das linguagens formalizadas das ciências exatas, nem a linguagem interior em favor da linguagem que pode ser observada do exterior tal como aquela da comunicação intersubjetiva.” (HOLENSTEIN, 1978, p. 13). Essa concepção não monolítica do objeto, constitutiva da fundação do estruturalismo em Praga, é o que assinala a singularidade do pensamento e da trajetória jakobsoniana, uma trajetória marcada, desde o início, pelo encontro do linguístico com o poético.

## 1. Moscou, Praga, Nova York

Lembremos, de imediato, que o Círculo de Moscou, uma reunião de linguistas, filósofos e escritores, deu origem ao que ficou conhecido como *formalismo russo*, uma metodologia de trabalho fundada em um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos contrários às ideias vigentes durante o século XIX sobre literatura e análise de textos literários. De acordo com o historiador do estruturalismo François Dosse, o “homem-orquestra” Jakobson “defende a ideia da imanência do estudo do texto literário [...] quer conseguir a junção entre a criação e a ciência, graças à linguística [...]” (DOSSE, 1993, p. 77).

Com o recrudescimento da política stalinista, Jakobson afasta-se de Moscou, seguindo para a Tchecoslováquia “como intérprete da missão da Cruz Vermelha em Praga.” (DOSSE, 1993, p. 77). Em Praga, encontra-se com poetas, faz traduções e depara-se com as proximidades e diferenças de tonalidade e de musicalidade entre as línguas russa e tcheca. Ao participar da fundação do

---

<sup>1</sup> Jakobson, ao afirmar “Sou um linguista e julgo que nada da linguística me seja estranho”, parafraseia a máxima de Terêncio — *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* (JAKOBSON, 1969, [1952]). Jakobson retoma essa máxima ao final de seu artigo “Linguística e poética”, publicado em 1960. Cabe esclarecer que em meu artigo, além da consulta a textos de Jakobson, recorri a informações e comentários biográficos formulados em Holenstein (1978 [1974]), Kristeva (1999 [1969]), Dosse (1993 [1991]) e Pêcheux (1981 [2004]).

Círculo Linguístico de Praga junto com os tchecos Mathesius, Havranek, Mukarovsky, os franceses Bruo, Tesnière, Vendryes, Benveniste e Martinet e os também imigrantes russos Troubetzkoy e Karcevskij, em 1926, traz algumas reflexões do Círculo de Moscou, sobretudo as que desenvolve sobre a fonologia e a poética. Pode-se atribuir a Jakobson, portanto, o desenvolvimento da ideia de que “não há dimensão na língua que escape a priori ao poético” (PÊCHEUX, 2004, p.109). Em entrevista a Krystyna Pomorska, publicada em francês em 1980, relembrando sua passagem por Moscou e Praga, Jakobson afirma:

As constantes e estimulantes discussões do Círculo Linguístico de Moscou sobre a estrutura dos versos constituíram uma etapa ainda mais importante na passagem da fonética antiga à fonologia com suas bases inovadoras. Deixei Moscou em 1920, imediatamente após os debates do Círculo, e fui para Praga, onde logo me apaixonei pelas questões relativas ao verso tcheco contemporâneo e medieval. (...) Ocorreu-me, assim, que era necessário tratar cientificamente dos sons da fala, levando em consideração a problemática da ligação recíproca entre o som e o sentido. Em outras palavras, estava aí o esboço de uma nova disciplina linguística, à qual os tratados científicos faziam apenas algumas alusões preliminares isoladas. Em meu livro sobre o verso tcheco (1923), pareceu-me, pela primeira vez, apropriado empregar o termo ‘fonologia’ com essa finalidade, apesar de toda a polissemia de aplicações na literatura científica anterior. (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.31)

Ampliando seus trabalhos sobre o significante, entre 1928 e 1929, Jakobson elabora a história da fonologia russa, “provando que as leis estruturais e funcionais constitutivas do sistema sincrônico são igualmente válidas para o desenvolvimento diacrônico e que a sincronia e a diacronia constituem uma unidade dinâmica indivisível.” (HOLENSTEIN, 1978, p. 17). E é a partir de 1933, como professor universitário em Brno, que formula para a fonologia a teoria dos traços distintivos, teoria retomada e desenvolvida com Hall, em 1955, nos Estados Unidos, país para onde emigrou após a invasão nazista de Praga, durante a segunda guerra mundial.

Como sinalizam os historiadores das ideias linguísticas, Jakobson chega à ciência linguística a partir da poética, fato que vai caracterizar uma diferença significativa no modo como irá teorizar sobre a língua. Esse traço distintivo é



responsável também pelas divergências com Hjelmslev e Brondal, do Círculo de Copenhague, linguistas zelosos do desenvolvimento da máxima saussuriana “Língua é forma e não substância”, e que, em função disso, privilegiam de modo absoluto a forma linguística em detrimento da substância fônica e semântica. Nas reflexões de Jakobson, por outro lado, só é possível pensar a língua a partir do momento em que ela integra a possibilidade da poesia. Como ele reafirma em *Linguística e poética*, texto escrito em 1960, “a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística.” (JAKOBSON, 1969, p. 119). Além disso, vale ressaltar que Jakobson não silencia sobre as experiências anagramáticas de Saussure, dizendo: “é a obra mais importante de Saussure.” (*apud* PÊCHEUX, 2004, p. 109).

Entretanto, nesses momentos iniciais de institucionalização da linguística, com o Saussure do *Curso de linguística geral* se produz uma relação contraditória: tanto é modelo a partir do qual se desenvolvem concepções teóricas quanto é referência a ser contestada face às próprias ideias linguísticas em circulação e em desenvolvimento. Jakobson e seus companheiros do Círculo de Praga, por exemplo, apoiam-se em um conceito de estrutura que se define como conjunto de relações, e dessa maneira conferem um dinamismo ao conceito. Há que se considerar, para compreender essa tensão teórica que aproxima e afasta Saussure, as condições de produção desse período entre guerras, ou seja, no campo das ciências, em geral, na Psicologia da *Gestalt*, na Matemática e na Filosofia, por exemplo, busca-se um conceito de estrutura que não elimine nem a ideia de variação, nem a de relação entre os elementos e nem a de função dos elementos partícipes da estrutura.

Assim considerando, é possível compreender que os linguistas de Praga, estivessem conectados e atentos às discussões de seu tempo ao se afastarem e se envolverem, ao mesmo tempo, com o pensamento de Saussure.

A primeira das teses do CLP<sup>2</sup>, relacionada à discussão dos “problemas de método decorrentes da concepção de língua como sistema”, expõe as diretrizes

---

<sup>2</sup> Os trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga (CLP) foram editados entre 1929 e 1938. Para o presente artigo estamos nos valendo da edição brasileira organizada por J. Guinzburg.



de um pensamento linguístico que concebe a língua como um sistema funcional, “um sistema de meios de expressão apropriados a um fim” (CLP, 1978 p. 17), cuja finalidade maior é a “expressão ou comunicação”. Assim, as teses, definindo língua como sistema funcional, trazem um certo dinamismo ausente na concepção saussuriana de sistema.

Dois outros aspectos chamam a atenção no CLP. O primeiro deles refere-se à segunda tese, que expõe uma proposta de análise para o estudo do som como elemento do sistema funcional e uma teoria para o “sistema particular de denominações” de cada língua em particular. (CLP, 1978, p. 26 e 27) Caracterizar uma língua dada a partir de suas denominações linguísticas é “determinar as zonas de ideias que estão representadas com força de expressão particular no vocabulário considerado (...) isto é, ocupar-se de fatos que ressaltam comumente da semântica.” (CLP, 1978, p. 26 e 27).

A terceira tese estuda as funções linguísticas e propõe distinguir a língua(gem) intelectual (com seu papel social e sua função de comunicação), a língua(gem) literária (com seu papel conservador, exprimindo a cultura e a civilização em seus aspectos científicos, filosóficos, religiosos, políticos, jurídicos e administrativos) e a língua(gem) poética (resultado de um ato criador individual). Nessa tese, ressalta-se que “é inconstestável que os valores fônicos da linguagem poética estejam em relação com a fonologia da linguagem de comunicação, e o ponto de vista fonológico é o único em condição de descobrir os princípios das estruturas fônicas poéticas.” (CLP, 1978, p. 39). Mais adiante, ainda sobre esse tema, afirmam os linguistas de Praga: “[...] é preciso estudar a língua poética em si mesma.” (CLP, 1978, p. 43).

Ainda com relação ao tenso jogo de aproximação com Saussure, cabe a Jakobson deslocar a dicotomia sincronia/diacronia, propondo uma sincronia dinâmica, conceito que objetiva mostrar que sincronia não é estática, ou melhor, que se pode pensar em termos de uma totalidade sincrônica que se movimenta. Outro aspecto contestado do *Curso* é a linearidade da cadeia significativa, tema que Jakobson desenvolve mais tarde ao discutir os eixos metafórico e metonímico.



Para Jakobson, em sua leitura de Saussure contrapondo-o a seus antecessores:

O volume [o *Curso de linguística geral* ] situa-se na convergência de duas épocas e de dois métodos; um livro desse tipo, por mais genial que seja, nunca pode estar isento de contradições. Seria, entretanto, perigoso e errôneo julgar que esse *Curso de linguística* — como infelizmente muitas vezes acontece — é um compêndio, uma doutrina acabada, e procurar disfarçar-lhe as contradições ou, ao contrário, subestimar os aspectos essenciais desse livro por causa das contradições que contém. (JAKOBSON, 1939, *apud* HOLENSTEIN, 1978, p. 28)

Em seus comentários sobre o pensamento jakobsoniano e a atuação do Círculo Linguístico de Praga relativamente aos ensinamentos saussurianos, Pêcheux dirá que:

[...] a contribuição do Círculo Linguístico de Praga pode ser considerada como essencialmente contraditória. Por um lado, será uma tentativa de aplicação prática do que havia ficado no plano teórico com Saussure: a reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseia-se na apreensão da maneira pela qual nasce o sentido na poesia, o que significa que a língua, objeto do linguista, nunca é separada da língua, objeto da literatura. Por outro lado, ela será uma primeira etapa para a instalação da ordem do sério na linguística, uma retomada da ideologia da comunicação, à qual ele traz uma garantia científica. (PÊCHEUX, 2004, p. 106)

Desde o início de seus trabalhos, o grupo dos linguistas de Praga buscou integrar nas análises linguísticas uma análise estrutural e uma análise funcional. Considerando uma teoria da comunicação humana na qual se pressupõe a dissolução de indeterminações, ou seja, uma comunicação cujo suporte linguístico se encontra organizado na forma de oposições binárias, a noção de fonema, como elemento participante dessas oposições, só pode ser compreendida em termos funcionais. Em outras palavras, uma variação fonológica tem como função distinguir sentidos (dissolver indeterminações) e é essa função que a torna diferenciada de uma variação fônica outra. Afirma Jakobson em 1929:

Chamamos *sistema fonológico* de uma língua ao repertório, próprio dessa língua, das ‘diferenças significativas’ que existem entre as ideias das unidades acústico-motrizas, isto é, ao repertório das oposições às quais pode estar ligada, numa determinada língua, uma diferenciação das significações (repertório das oposições fonológicas). Todos os termos de oposição fonológica não susceptíveis de serem dissociados em sub-oposições fonológicas menores se chamam *fonemas*.”(JAKOBSON, 1929, *apud* KRISTEVA, 1999, p. 262]

Se é em Praga que Jakobson toma contato com a obra saussuriana através de Karcevskij, divulgador de Saussure, é também em Praga que aprofunda seus estudos dos escritos lógico-filosóficos de Husserl, autor que ele havia começado a ler em 1917.

A influência de Husserl<sup>3</sup> faz do estruturalismo do Círculo, um estruturalismo fenomenológico. Conforme Holenstein (1978, p. 10), “se seguirmos as citações explícitas [feitas por Jakobson em seus textos], constataremos uma influência direta de Husserl, sobretudo em três domínios, na definição da relação entre Linguística e Psicologia, no programa de uma gramática universal e na defesa da semântica como parte integrante da Linguística.”.

A fenomenologia e o estruturalismo desta época buscam compreender as estruturas estáticas, afastando-se das explicações mecanicistas de fatos tomados isoladamente (HOLENSTEIN, 1978, p. 10). Essa aproximação entre a linguística e a filosofia não impede que fortes diferenças mantenham os dois domínios em separado: na fenomenologia de Husserl, ao tentar descrever os modos de operar da consciência, constituindo-se em uma forma de idealismo, apresentando um irracionalismo místico; no estruturalismo, um formalismo descritivo e positivista que não segue o monismo metodológico husserliano. Apesar das

---

<sup>3</sup> Edmond Husserl (1859-1938) funda a fenomenologia, “visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como uma ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma ‘volta às coisas mesmas’, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional.”. (JAPIASSÚ e MARCONDES FILHO, 2001, p. 102) De acordo com Kristeva (1999, p. 256), há uma “dívida inconfessada do estruturalismo para com a fenomenologia” e tal dívida está relacionada, dentre outros aspectos, ao modo como Husserl buscou conceituar signo A “dívida inconfessada do estruturalismo para com a fenomenologia” (Kristeva, 1999, p. 256)





diferenças, entretanto, para Hostenstein, Jakobson deve a Husserl “a primeira formulação das leis gerais válidas para a unidade estrutural.” (HOLENSTEIN, 1978, p. 11 e 12). Como afirma Jakobson:

Se quiséssemos caracterizar sucintamente o pensamento diretivo da ciência atual nas suas mais variadas manifestações, não encontraríamos expressão mais adequada que *estruturalismo*. Cada conjunto de fenômenos examinado pela ciência atual é considerado não uma reunião mecânica, mas uma unidade estrutural, um sistema, e a tarefa fundamental é descobrir as suas leis intrínsecas — tanto estáticas como dinâmicas. Não é a impulsão externa, mas as condições internas da evolução, não é a gênese sob a sua aparência mecânica, mas a função, que estão no centro do interesse científico atual. (JAKOBSON, 1929, semanário *Cin*, “A Ação”, de Praga, *apud* HOLENSTEIN, 1978, p. 9)

Entre 1939 e 1941, durante a segunda guerra mundial, tem lugar a grande fuga de intelectuais através da Dinamarca, da Noruega e da Suécia até os Estados Unidos. Essa fuga foi empreendida por Jakobson e outros notáveis de sua época que deixaram para trás a barbárie nazista e constituíram novas polêmicas, novos paradoxos em torno da noção de língua e da nova ordem político-econômica mundial que então se organizava. A “grande diáspora” provocada pela segunda guerra mundial, que materializa “a figura do intelectual imigrante”, nos dizeres de Pêcheux (2004, p. 121), marca essa entrada de intelectuais eslavos, germânicos, austríacos e franceses na corrente do liberalismo anglo-saxão, o qual, opondo-se ao fascismo e ao stalinismo, “parecia ignorar os controles minuciosos das opiniões e a regulamentação patrulhadora do pensamento...” (PÊCHEUX, 2004, p. 121).

Jakobson se estabelece em Nova York em junho de 1941, vai dar aulas na *École Libre des Hautes Études* e, posteriormente, na Universidade de Columbia. Em pouco tempo vai se juntar ao grupo de intelectuais que funda, em 1943, o Círculo Linguístico de Nova York. Na *École*, Jakobson deu aulas sobre linguística geral e, em Colúmbia, pronuncia suas famosas conferências sobre “o som e o sentido” (texto publicado anos mais tarde, em 1976). Tais conferências foram proferidas “no último trimestre de 1943 e no primeiro de 1944” e atraíram

e influenciaram numerosos *scholars*, dentre eles, Lévi-Strauss e Mattoso Câmara (ALTMAN, 2004). A partir de 1945, o Círculo passa a publicar a revista *Word* e Jakobson faz parte do núcleo editorial. “O primeiro número é, aliás, uma condensação do programa estruturalista, pois trata das aplicações da análise estrutural em Linguística e em Antropologia.” (DOSSE, 1993, p. 79).

Alguns anos mais tarde ele leciona em Harvard e, dezesseis anos após sua entrada nos Estados Unidos, se estabelece como primeiro cientista no M.I.T. Nessa permanência em terras americanas podem ser assinalados alguns fatos notáveis. Um deles, como já se mencionou, foi o contato que se estabeleceu inicialmente entre Jakobson e Lévi-Strauss, e posteriormente com Lacan (em 1950). Também chama atenção o fato de Jakobson ter sido professor de Chomsky e Halle em Harvard. Embora Chomsky tenha sido um crítico feroz do estruturalismo pós-bloomfieldiano, sua postura foi mais respeitosa relativamente à vertente europeia. São suas as palavras:

Pessoalmente aprendi muito com esse estruturalismo europeu, particularmente com Roman Jakobson, que foi meu mestre e é um amigo muito dileto; não preciso lembrar quanto essas contribuições permanecem essenciais. (CHOMSKY, 1972, p. 64, *apud* HOLENSTEIN, 1978)

Os anos americanos foram marcados também por encontros interdisciplinares como, por exemplo, com Luria, um neurologista pesquisador de afasias. No campo filosófico, os biógrafos de Jakobson destacam Peirce e Quine como interlocutores privilegiados. A influência do pensamento de Jakobson se mantém presente ainda hoje, como veremos a seguir.

## 2. Deslocamentos teóricos

Destacaremos, particularmente, a investigação de Jakobson sobre as noções de *ato linguístico* e *funções da linguagem*, *sincronia dinâmica e variabilidade do sistema significante*, bem como sobre o eixo *metaforonímico*.



## 2. 1 Ato linguístico e funções da linguagem

A descrição do ato linguístico comporta os elementos da comunicação humana, conforme o ponto de vista do estudo funcional da linguagem. Desde as Teses do Círculo de Praga (1929), observamos a tentativa do linguista em descrever a realização do ato linguístico em si e o esquema da comunicação humana.

Como se sabe, desde os princípios formulados pelo Círculo Linguístico de Praga, as oposições fônicas estruturadas em um dado sistema fonológico podem equivaler a variações fonéticas em uma outra língua. Porém, Jakobson chama a atenção, assim como Saussure, para a luta interna que se trava em uma mesma estrutura linguística, ou seja, para a dialética que estabelece uma tensão entre forças estruturais convergentes e invariantes chocando-se com forças divergentes, que tendem para a variabilidade. A língua é una, mas também é variação, seja em função da formação de dialetos, seja em função das criações individuais na prosa e na poesia. De acordo com Jakobson, é o poeta quem tem maior percepção da dialética da língua e busca explorar ao máximo as diferenças fonológicas, deslocando e surpreendendo o automatismo que o sistema impõe.

Sobre essa questão, retomando e comentando a primeira Tese do Círculo – “A língua é um sistema de meios de expressões apropriadas a uma finalidade” – Pêcheux afirma:

A contribuição do Círculo Linguístico de Praga pode ser considerada como essencialmente contraditória. Por um lado, será uma tentativa de aplicação prática do que havia ficado no plano teórico com Saussure: a reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseia-se na apreensão da maneira pela qual nasce o sentido na poesia, o que significa que a língua, objeto do linguista, nunca é separada da língua, objeto da literatura. Por outro lado, ele será uma primeira etapa para a instalação da ordem do sério na linguística, uma retomada da ideologia da comunicação, à qual ele traz uma garantia científica. (PÊCHEUX, 2004, p. 106)

Se, por um lado, a insistência no poético aponta para o lugar do imprevisível presente na língua, algo que joga na propriedade da distintividade característica do meio fonológico, por outro lado, em função dos princípios funcionalistas do Círculo, essa mesma propriedade se reterritorializa no campo positivo de uma ideologia da comunicação. Em outras palavras, o conceito de distintividade, colocado a serviço da comunicação, circunscreve a necessidade de maior clareza na mensagem enviada por um receptor, através de um código, para um receptor, no circuito da comunicação.

Para descrever o esquema da comunicação humana, Jakobson retoma e amplia o modelo tripartido de K. Bühler (1934). Na descrição ampliada jakobsoniana, que distingue seis componentes da comunicação verbal humana, cada qual com uma função linguística específica, depreendem-se vestígios dos estudos iniciais em Moscou, quando o autor visava destacar a especificidade da linguagem cotidiana – voltada para o significado – frente à poesia, centrada no signo linguístico.

O *remetente* envia uma *mensagem* ao *destinatário*. Para ser eficaz, a mensagem requer antes de tudo um *contexto* a que diz respeito (é o que se denomina “referente”, numa terminologia ligeiramente ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal, ou suscetível de ser verbalizada; em seguida, a mensagem requer um *código*, comum, em sua totalidade ou pelo menos parcialmente, ao remetente e ao destinatário [...]; finalmente, a mensagem requer um contato, um *canal físico* e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que lhes permita estabelecer e manter a comunicação. (JAKOBSON, 1969 [1960], p. 122)

Esses são os fatores envolvidos no processo linguístico e a ênfase em cada um desses seis fatores determina diferentes funções da linguagem, embora todos estejam presentes na situação de comunicação. Sendo assim, quando ocorre um pendor (*eistellung*, segundo Jakobson) para o referente, a função *referencial* é dominante. Chama-se função *emotiva* ou *expressiva* aquela centrada no remetente, mas, se a orientação é para o destinatário, predomina a função *conativa*. Se o modelo triádico de Bühler acentuava apenas essas três pontas, Jakobson vai além, pois acrescenta mais três funções: a função *poética*,



a função *fática* e a função *metalinguística*, conforme o pendor comunicacional esteja voltado para a mensagem, o contato ou o código, respectivamente.

Refletindo longamente sobre a função poética da linguagem em sua relação com o campo da Linguística, Jakobson defende que cabe a essa última investigar todos os aspectos, em toda a sua amplitude, da arte verbal. E, se esta arte verbal da “poeticidade” (JAKOBSON, 1969, p. 161) é intrínseca à linguagem, o linguista “deve incluir a poesia em seu campo de estudo”. Ou seja, a função poética não precisa ficar confinada (palavras do autor) ao domínio da poesia. E mais ainda, se as leis métricas, se o ritmo em poesia criam expectativas quanto ao andamento de um verso, “as violências contra o metro”, contra a expectativa do que seriam características invariáveis, apontam para a variabilidade da língua e também para o improvisado, para o inesperado. Retomando Edgar Allan Poe, ressalta “o sentimento humano de satisfação suscitado pelo aparecimento do inesperado no seio do esperado; não se pode pensar em um sem pensar no outro.” (JAKOBSON, 1969, p. 138). Por fim, diz o autor:

[...] um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (JAKOBSON, 1969, p. 162)

No caso do circuito da fala, afastando-se cada vez mais da proposta saussuriana, nos anos sessenta, Jakobson chega a enumerar sete fases (ou etapas) que estruturam o todo que é o próprio ato linguístico. O estudo e análise de tais fases – intenção, inervação, produção gradual, transmissão, audição, percepção e compreensão – representam um modelo relacionado à teoria acústica e à psicologia dos sons. Para Holenstein (1978, p. 182), essa abordagem traz a marca da orientação fenomenológica uma vez que tanto assinala uma interdependência “do material sensorial [que é] estruturado a partir de seu sentido” quanto apresenta, de modo relevante, a percepção auditiva dos sons enquanto valores linguísticos na comunicação. A análise estrutural e funcional de Jakobson não separa som (enquanto valor linguístico), sentido e percepção:



No processo de comunicação, não há inferência unívoca de uma etapa à etapa precedente. Em cada etapa sucessiva, a seletividade aumenta; certos dados de uma etapa anterior deixam de ser pertinentes a toda etapa subsequente, e cada detalhe de uma etapa posterior pode ser função de diversas variáveis na etapa precedente. Ao se medir o aparelho vocal, pode-se obter uma previsão exata da onda sonora, mas um só e mesmo efeito acústico pode ser atingido por meios inteiramente diferentes. De modo semelhante, um mesmo atributo da sensação auditiva pode ser o resultado de estímulos físicos diferentes. (JAKOBSON, 1956, *apud* HOLENSTEIN, 1978, p. 185)

Os estudos sobre a percepção auditiva dos sons, bem como o das funções da linguagem em relação ao esquema comunicacional, são ainda hoje privilegiados nas metodologias de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e nos estudos de aquisição da linguagem.

## 2. 2 Sincronia dinâmica e variabilidade do sistema

A afirmação de Saussure: “[...] é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras.”, permitiu à Linguística construir e delimitar seu objeto frente a outros objetos nas Ciências Humanas bem como organizar quais as tarefas necessárias a um pesquisador situado no ponto de vista da língua como um sistema de signos. Jakobson não desconsidera esse projeto saussureano e incorpora, de fato, um outro aspecto: o gesto de interpretação do pesquisador. Aqui também se nota, segundo Hollenstein (1978, p. 59), a influência do pensamento de Husserl de que é uma ilusão a ideia de uma descrição ou análise puramente objetiva. Em sua fala final feita na *Conferência de Antropologia e Linguística* (Universidade de Indiana, EUA, 1952), Jakobson retoma a questão da subjetividade, uma das teses já tematizadas no Círculo Linguístico de Praga, de que o observador é parte da observação e, nesse sentido, deve evitar o egocentrismo e tentar, de modo crítico, lidar com a orientação subjetiva presente na constituição do objeto.



Gostaria de apresentar todos os resultados linguísticos desta Conferência tal como os vejo. É claro que os interpretarei e não serei uma máquina de tradução que, como o mostrou de modo excelente nosso amigo Y. Bar-Hillel, não compreende e por conseguinte traduz literalmente. Desde que haja interpretação, emerge o princípio da complementaridade, promovendo a interação do instrumento de observação e da coisa observada. (JAKOBSON, 1969 [1960], p. 15)

Em seus comentários finais durante *Conferência de Antropologia e Linguística*, Jakobson toca na questão do tempo para criticar os manuais de linguística que, sem questionamentos críticos, mantêm uma separação estreita entre os estudos linguísticos sincrônicos e os diacrônicos: “Sincrônico não é igual a estático.” (JAKOBSON, 1969 [1960], p. 26). O debate sobre os sistemas linguísticos precisa levar em conta leis estruturais gerais, leis estáticas, em relação às leis dinâmicas, pois são elas que atuam constitutivamente na mudança das línguas.

Afastando-se de Saussure, que estabelece a dicotomia sincronia/diacronia com base em uma concepção linear e física do tempo, Jakobson vê a temporalidade como um conceito vasto que inclui a subjetividade e a história. Assim, por analogia com o cinema, Jakobson propõe de modo interessante que se pense nas línguas como uma totalidade sincrônica em movimento em que as transformações fonéticas podem ser vistas do ponto de vista de suas funções. Nem a diacronia exclui o sistema, nem a sincronia exclui a mudança, e isso já era postulado desde o Círculo Linguístico de Praga. As mudanças linguísticas não ocorrem ao acaso, “visam frequentemente ao sistema, sua estabilização, sua reconstrução, etc.” E, de outro lado, a descrição sincrônica não pode excluir a noção de evolução” (CLP, p. 18). Esse ponto de vista, expresso no Círculo Linguístico de Praga, é retomado ao longo dos anos, como veremos. Em 1980, na entrevista concedida a K. Pomorska, Jakobson explica:

[...] em 1919, escrevi, num artigo dedicado ao futurismo: “a eliminação do estatismo, a expulsão do absoluto — eis o problema essencial dos novos tempos, a questão candente da

atualidade. (...) a percepção estática é uma ilusão. (...) Tais foram as premissas de meu primeiro contato com a teoria de Saussure sobre a antinomia da condição de situação e de história, isto é, da sincronia e da diacronia da língua. (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.62)

Estimulado pelas discussões ligadas ao futurismo, Jakobson narra nessa entrevista sua angústia frente à ideia de sincronia. Diz que escreveu uma carta a Troubetzkoy, quando então explicou que, do seu ponto de vista, “as mudanças da língua tinham um sistema e uma finalidade, que a evolução da língua e o desenvolvimento dos outros sistemas sócio-culturais caminhavam juntos em vista de uma afinidade profunda e uma finalidade conjunta.” (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.68). Esse e outros argumentos foram ao encontro das reflexões de Troubetzkoy e estimularam Jakobson a prosseguir com sua crítica a Saussure.

A primeira coisa a me saltar aos olhos foi que Saussure identificava, tanto em sua terminologia quanto em sua teoria, a estática e a sincronia, ou seja, o conjunto dos fenômenos de língua existentes numa comunidade de sujeitos falantes e, em oposição, a dinâmica e a diacronia. Ao criticar essa concepção, não foi por acaso que recorri ao exemplo da percepção cinematográfica. À questão de tipo sincrônico: que vê você, neste instante preciso, na tela do cinema? — o espectador dará, inevitavelmente, uma resposta de ordem sincrônica, e não estática, uma vez que ele vê, nesse instante, os cavalos que correm, o palhaço que dá cambalhotas, o bandido que cai ferido a bala. Em outras palavras, as duas oposições efetivas, sincronia/diacronia e estática/dinâmica, não coincidem na realidade. A sincronia contém inúmeros elementos dinâmicos, que devem ser levados em conta quando há uma aproximação sincrônica. Se a sincronia é dinâmica, a diacronia da língua, isto é, a análise e o confronto das diversas etapas da língua durante a lenta progressão do tempo, não pode e não deve, por sua vez, limitar-se apenas à dinâmica das modificações da língua, pois lhe é necessário, além disso, levar em consideração os fatos estáticos. [...] como indica o desenvolvimento das diferentes ciências sociais, os conceitos de sistema e de suas mudanças não são só compatíveis, como também dos mais indissolúvelmente ligados [...] (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.62, 63).

Fazendo avançar essa crítica, Jakobson discute a própria noção de tempo na língua. Ou seja, para ele, compreender a questão da temporalidade nas





línguas é associar dois fatores: a sucessão de significantes na língua falada — o que é característica do enunciado — e, ao mesmo tempo, o fato de que em um significante pode ocorrer uma pluralidade de significações — característica da enunciação. Diz-nos o linguista: “O choque desses dois aspectos do tempo é particularmente claro na arte literária.” (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.74)

O esquema da temporalidade pensada do ponto de vista do sistema e da simultaneidade que foi proposto por J. Mukarovsky elucidada a questão da experiência subjetiva do tempo afetando a língua. Em 1929, Jakobson afirma:

O objeto da linguística sincrônica não são os fatos sentidos pela coletividade dos sujeitos falantes como simultâneos entre si, mas os fatos simultaneamente sentidos por ela, isto é, que constituem num dado momento o conteúdo da sua consciência linguística. Para a consciência dos sujeitos falantes, alguns desses fatos podem estar estreitamente ligados ao presente, enquanto outros, como acabamos de ver, podem ser transportados para o passado ou ainda gravitar em direção ao futuro. (JAKOBSON, 1929<sup>a</sup>, *apud* HOLENSTEIN, 1978, p. 37)

Portanto, em sua argumentação Jakobson demonstra que não se deve opôr o eixo diacrônico ao eixo sincrônico, uma vez que ambos afetam o sistema da língua e estão relacionados com a experiência subjetiva dos falantes. Na conferência de 1953, já mencionada, Jakobson dá um exemplo extraído de sua própria experiência como falante do russo. Nesse exemplo ele mostra como o fator temporal atua de modo dinâmico nas formas linguísticas que estão em processo de mudança tanto no que diz respeito ao aspecto diacrônico como no sincrônico e afirma:

Tomarei como exemplo uma mudança que pude observar já em minha infância: trata-se de uma mudança notável ocorrida no sistema vocálico do russo corrente. Em posição inacentuada, especialmente pretônica, os dois fonemas /e/ e /i/ eram distinguidos pela geração de nossos avós em Moscou. No linguajar de nossa geração e no de nossos filhos, esses dois fonemas fundiram-se num /i/. Para a geração intermediária, a de nossos pais, a distinção era facultativa. [...] Assim, durante certo tempo, o ponto de partida e o remate da mutação coexistem sob a forma de duas camadas estilísticas diferentes; além disso, quando o fator temporal entra em jogo num sistema de valores simbólicos como a linguagem, ele próprio se torna um símbolo

e pode ser utilizado como recurso estilístico. Por exemplo, quando falamos de maneira mais conservadora, empregamos as formas mais arcaicas. Em russo moscovita, a geração de nossos pais não empregava a distinção entre /e/ e /i/ inacentuados na conversação familiar; preferivelmente, seguia a nova moda de fundir os dois fonemas par dar a impressão de ser mais jovem do que era realmente [...] (JAKOBSON, 1969 [1960], p. 27).

A questão da experiência subjetiva do tempo que afeta a experiência do falante em sua experiência com sua própria língua e a questão da orientação do observador no momento em que constrói o objeto observado podem ser relacionadas com a de situação histórica. A situação histórica é mutável, ou seja, depende dos pontos de vista dos observadores. Em 1919, valendo-se de uma analogia com o cubismo, Jakobson tematiza a inclusão da pluralidade de pontos de vista presentes numa dada situação e é isso que faz com que uma situação histórico-linguística seja aberta, plural, embora a história, a cada momento, para cada situação, possa se comportar “quer como conservadora, quer como progressista”. (HOLENSTEIN, 1978, p. 50). Essa tensão constitutiva da história está em consonância com as tensões e alterações linguísticas decorrentes das possibilidades históricas inscritas nas situações de interlocução. Em 1953, discutindo o bilinguismo, ele mostra como a linguagem não é um bloco monolítico, como as transformações e alterações linguísticas estão diretamente ligadas à situação de interlocução tomada em sua historicidade.

Todo código verbal é conversível e compreende necessariamente uma série de subcódigos distintos, ou, em outros termos, variedades funcionais de linguagem. (JAKOBSON, 1973, *apud* HOLENSTEIN, 1978, p. 50)

Tal perspectiva histórico-linguística alia-se a uma posição científica anti-etnocêntrica e anti-egocêntrica, forma de pensar o sujeito afetada por uma “tradição ideológica russa”(HOLENSTEIN, 1978, p. 57) e também pelo diálogo travado com Lévi-Strauss e Lacan. Assim, tanto nos anos 20 no CLP, quanto nos EUA, depreende-se em Jakobson um ponto de vista que não recusa, na



conceituação do objeto, a dialética entre a permanência e a variação e nem atribui à posição do observador uma onipotência teórico-metodológica.

### 2. 3 Os dois eixos: metáfora e metonímia

Como bem lembra Pomorska, Kruszewski (1851-1887), um linguista polonês, foi o primeiro a apontar esses dois pólos ou eixos da língua. Mas cabe a Jakobson, diz Pomorska, realçar que são duas forças que atuam tanto nas línguas como na arte, ou seja, em termos da poética e da teoria da arte. É a partir do plano das relações entre sintagma e paradigma que a reflexão de Jakobson irá trazer uma discussão diferenciada sobre as afasias e sobre o funcionamento metafórico-metonímico. Afirma a autora:

Fica-se logo surpreso com o fato de você [Jakobson] ter elaborado, gradualmente e durante muito tempo, esses conceitos mais em ligação com a poética e a teoria da arte do que com a Linguística. Creio que você propõe a questão primeiramente em ‘O futurismo’ (1919), um de seus primeiros artigos e, depois, no início dos anos trinta, em trabalhos como, por exemplo, “Decadência do cinema?” e nas duas versões, tcheca e alemã, de “Notas sobre a prosa do poeta Pasternak”. A linguística volta quando você estuda a afasia e a linguagem infantil, já na América. (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.121)

No texto de teor linguístico em que Jakobson trata das afasias – “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1956) –, escrito quando ele se encontrava em Nova York após a II Guerra Mundial, e mais uma vez na tensão entre reafirmar e se afastar de Saussure, o autor retoma os pressupostos do Círculo de Praga, propondo que o papel do linguista é o de ser um “especialista na estrutura e no funcionamento da linguagem”. E o que é a linguagem? Para o linguista russo, como já foi dito, um ato de fala, para ser eficiente, para exercer seu papel comunicativo, precisa de um código comum aos falantes.

Como dissemos anteriormente, esse código, por sua vez, permite combinações variadas, porém esse mesmo código impõe limites, dado seu modo

de funcionamento específico. Retomando Saussure, Jakobson (1969 [1960], p. 39) afirmará: “Todo signo linguístico implica dois modos de arranjo”:

- 1) a combinação (contextura), que apresenta duas variedades: concorrência e concatenação. Saussure não reconheceu a concorrência, apenas a concatenação, ou seja, a sequência temporal em função do caráter linear; a combinação é o sintagma em presença, ou seja, a mensagem dada pode ser compreendida no eixo da contiguidade.
- 2) a seleção (substituição) diz respeito às entidades associadas no código, mas não na mensagem dada. Na seleção os signos se encontram ligados por diferentes graus de similaridade, que oscilam entre a equivalência de sinônimos e o fundo comum dos antônimos, conforme diz Jakobson.

Todavia, Jakobson reconhece que, em várias situações, esses dois modos de arranjos sígnicos se ‘desarranjam’. Mas isso não é um problema para o linguista, ao contrário, pois para o autor “a Linguística se interessa pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (JAKOBSON, 1969, p. 34). É através desse último recorte – linguagem em dissolução, e portanto não estabelecendo a sua dimensão comunicativa – que Jakobson justifica seu interesse pelos afásicos. Além disso, para ele, “a regressão afásica se revelou um espelho da aquisição de sons da fala pela criança; ela nos mostra o desenvolvimento da criança ao inverso.” (*idem*, p. 36). Ao estudar os afásicos, pontuando como as duas formas de arranjo dos signos se desarranjam, Jakobson irá “rever a teoria saussureana da *linearidade do significante*”, pois os afásicos, independentemente do grau de afasia que portam, apresentam problemas na combinação e na seleção dos signos linguísticos.

Ou seja, Jakobson questiona o aspecto da linearidade da cadeia significante ao estudar a combinação (encadeamento) e a seleção (concorrência) dos signos. Com um estudo que incide no modo como a mensagem dos afásicos é transmitida, Jakobson vai trabalhar com os ‘distúrbios da similaridade’



(seleção e substituição) e com os ‘distúrbios da contiguidade’ (combinação e contextura).

E é nesse ponto que ele retoma as figuras de estilo, a metáfora e a metonímia para explicar a linguagem dos afásicos. No distúrbio de similaridade (deficiência na seleção e substituição) ocorre uma deterioração das operações metalinguísticas, fica suprimida a relação de similaridade. Nesse caso, “a metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade.” (JAKOBSON, 1969, p. 55). Já no distúrbio da contiguidade “não há perda total da palavra, há uma desordem da contiguidade na combinação de palavras em unidades superiores. Há uma deterioração na capacidade de construir sentenças. A frase vira um monte de palavras, sendo que a ordem das palavras se torna caótica.” (JAKOBSON, 1969, p. 51). Nesse caso, ocorre uma deterioração da palavra na frase ou dos morfemas na palavra, portanto, há uma deterioração no poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas, fica suprimida a relação de contiguidade: “A metonímia é incompatível com o distúrbio da contiguidade.” (JAKOBSON, 1969, p. 55).

Em suma, devemos apontar que Jakobson descreve os dois pólos para compreender onde e como a afasia faz falhar o processo comunicativo que depende do código linguístico. Quando o código é mal empregado, ele faz falhar o aspecto primordial da linguagem humana que é a de comunicar. Ao mesmo tempo, Jakobson aproveita essa questão para ampliar a compreensão do modo de funcionamento da cadeia significante, considerando os eixos paradigmático e sintagmático enquanto procedimentos metafórico e metonímico, respectivamente. E mais: para ele, “a competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social.” (JAKOBSON, 1969, p. 61). Daí a relação que ele estabelece com a *Traumdeutung*, de Freud.

Na entrevista concedida a Krystyna Pomorska, ele sintetiza essa reflexão que parte do poético e das artes, chega ao linguístico e caminha para questões relacionadas ao funcionamento inconsciente. Vale a pena retomar suas palavras, mesmo que a citação seja longa:



Um estudo linguístico da afasia, que está estreitamente ligado à teoria da língua em geral e da linguagem poética em particular, contribui, de maneira considerável, não só para a classificação das afecções afásicas, como também para a compreensão da estrutura da língua e até mesmo para o aprofundamento dos métodos da poética. O objetivo seguinte será uma tentativa de análise linguística da fala dos esquizofrênicos. É evidente que o exame dos sintomas e síndromes linguísticos da esquizofrenia é capaz de auxiliar a classificação médica e o diagnóstico dos fenômenos heterogêneos reunidos sob a etiqueta geral de esquizofrenia. É um programa interdisciplinar vasto e delicado. O grande poeta alemão, Friedrich Hölderlin (1770-1843), que sofrera durante algumas dezenas de anos de uma forma aguda dessa doença e que, no fim da vida, estava quase privado da aptidão para se comunicar com o seu meio pela linguagem, escreveu, contudo, até a morte, versos admiráveis e de uma originalidade surpreendente. Analisando esses poemas, tentei novamente ligar as questões de poética, de patologia da linguagem e de teoria geral da língua e da comunicação linguística. Consegui explicitar o principal sintoma linguístico da esquizofrenia; com mais exatidão, do tipo de esquizofrenia aparentemente muito difundido de que sofria Hölderlin. O poeta, gravemente enfermo, manifestava uma perda máxima da capacidade e da vontade de discurso dialógico; o sintoma mais característico era, antes de mais nada, o desaparecimento total dos *'shifters'*, das pessoas e dos tempos gramaticais." (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.129, 130).

Essas discussões linguístico-poéticas sobre o funcionamento das forças metaforonímicas nas afasias são retomadas por Lacan em vários de seus seminários. No Seminário 3, Lacan (1985, [1955-1956] p. 250), por exemplo, retoma Jakobson "um linguista amigo meu" e sua teoria sobre as afasias para estabelecer um paralelo e um distanciamento entre o funcionamento do fluxo verbal dos afásicos e dos psicóticos (em relação aos neuróticos). Dirá Lacan, distinguindo a questão dos afásicos da dos psicóticos, que não se pode "desconhecer o papel mediador primordial do significante", embora seja o significado que é usualmente colocado. Aos poucos, Lacan distancia-se cada vez mais do campo da Linguística, mas seu tributo a Jakobson permanece intacto. A Linguística desliza no campo da Psicanálise para o que Lacan irá nomear como "linguisteria", um neologismo que designa o próprio do campo de



trabalho do psicanalista. Assim, Lacan deixa Jakobson, bem como a Linguística, em “seu domínio reservado” (Lacan, 1985b, p 6).

### À guisa de conclusão

Jakobson é esse linguista vigoroso e inquieto que, além de circular por distintas áreas do saber, provocou o campo da Linguística a se repensar tendo em vista seu modo interdisciplinar de pensar a linguagem, um modo que não desconsidera a poeticidade inscrita na língua. Ler Jakobson é mais do que necessário ainda nos dias de hoje, pois, como afirma Krystyna Pomorska no posfácio de seu livro de entrevistas com o linguista:

Uma pesquisa intrépida, uma total ausência de conformismo científico, ausência que não deixou de desconcertar inúmeros contemporâneos - eis o aspecto que marca a obra inteira de Roman Jakobson. (JAKOBSON e POMORSKA, 1993, p.174)

Ainda há muito a ser explorado em Jakobson. Fica aqui um convite à leitura desse linguista que desconcertou seus contemporâneos.

### Referências

ALTMAN, Cristina. A conexão americana: Mattoso Câmara e o círculo linguístico de Nova Iorque. **DELTA**. Vol. 20, SP, p. 129-158, 2004.

DOSSE, François. **História do estruturalismo** – 1. O campo do signo. Campinas: Editora da Unicamp e São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

GUINSBURG, J. (org.) **Círculo Linguístico de Praga**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

HOLENSTEIN, Elmar. **Introdução ao pensamento de Roman Jakobson**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

\_\_\_\_\_. **Six leçons sur le son et le sens**. Paris: Minuit, 1976.



\_\_\_\_\_ e POMORSKA, Krystina. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, 1993. (Cotejo com o original russo, alterações de acordo com este, tradução de trechos que faltavam no texto francês de 1980)

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 3 – As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 20 – Mais , ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.

PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

Recebido em 07/02/2015.

Aceito em 28/06/2015.

**Bethania Mariani**

É professora de Linguística do Departamento de Ciências da Linguagem e da Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. É também pesquisadora nível 1C do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ

E-mail: [bmariani@terra.com.br](mailto:bmariani@terra.com.br)